



XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

25 anos

2017



Psicanálise: ciência e arte.

Flávia Lima Lopes de Oliveira*, Nina Virginia de Araújo Leite.

Resumo

Como poderíamos pensar o fazer teórico da psicanálise? É uma arte? É uma ciência? Como pode haver um conhecimento que implique desconhecimento? De que lugar a psicanálise interroga a ciência? Como a psicanálise bebe da arte? Qual é a arte do fazer que se volta para a cura questionando insistentemente qual a possibilidade de uma cura? O que é cura? O que é invenção? Quem inventa? Tais questões se entrelaçam no que tange à divisão do sujeito que, ao ser interrogado no cenário clínico, se mostra cientificizável. Como? Eis a pergunta que, entre desvios, mostra os caminhos tortos por meio dos quais a psicanálise realiza sua dança tão fincada na ciência quanto na arte.

Palavras-chave:

Psicanálise, ciência, arte.

Introdução

A inquietação constante sobre o lugar da psicanálise na universidade nos levou à questão sobre seu fazer teórico. O mal estar de sua posição é tão fértil quanto equivocado. A psicanálise pode estar na universidade sem abrir mão de sua arte. Eis o trabalho do grupo de pesquisa Outrarte, localizado no IEL-UNICAMP, cujo norte é o desassossego. Com tal fim, fui constantemente interrogada sobre meu lugar. O efeito de tais inquietações levou à seguinte hipótese: o desvio como especificidade do modo de teorização em psicanálise. Tal hipótese é análoga à hipótese do inconsciente formulada por Freud em seu célebre texto metapsicológico: *O inconsciente* (1915). Há um modo de teorizar que leva as hipóteses até as últimas consequências sem poder, jamais, voltar para comprová-las de modo direto. Mas, sim, de modo indireto tanto quanto se podem ter notícias do inconsciente.

Resultados e Discussão

O modo indireto utilizado pela psicanálise pode ser visto em seus desvios. Visíveis entre os casos clínicos e sua teoria. Entre a arte e sua teoria. E, como efeito, entre a teoria e o modo de teorização. A metodologia desta pesquisa teve, portanto, que respeitar este princípio sobre o qual se sustenta a psicanálise. É preciso deixar que a coisa fale de si mesma, já que não poderíamos falar dela, mas apenas com ela. Este é o legado freudiano.

Figura “Morphologie” do crânio de Freud, por Salvador Dalí em 1938. Fonte: <http://www4.iel.unicamp.br/projetos/outrarte/site/>



Conclusões

A hipótese se comprova por meio de seu próprio método: desviar. Em outras palavras, é preciso levar a outro lugar. Este é movimento constante que a psicanálise não cessa de realizar, portanto, seu lugar na ciência ou a ciência que habita seu lugar produzem seus motores, sem os quais a psicanálise não poderia existir.

Agradecimentos

Agradeço ao SAE pelo fomento à pesquisa e a todas as minhas colegas do grupo Outrarte, em especial, a minha analista, cujo trabalho deu as linhas para a costura desta pesquisa.

DOI: 10.19146/pibic-2017-78322

XXV Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP